

## Preparando pesquisadores e gestores conectados com a realidade do país: do sonho à parceria interuniversitária

A minha experiência com o CLIU começa antes dele existir, quando foi criado na FGV-EAESP, o Projeto Conexão Local. Eu estava no último ano do curso de graduação em Administração Pública, e foi lançado o Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP), com três modalidades de pesquisa: o Projeto Conexão Local, o Residência em Pesquisa e o PIBIC, que já existia anteriormente. Eu estava terminando o PIBIC, tendo como orientador o Ricardo Bresler, e queria muito participar do Conexão, mas apenas os alunos dos primeiros semestres podiam participar. Sinceramente, morri de inveja daqueles que podiam participar e assim, passar 30 dias pesquisando algumas das experiências premiadas pelo Programa Gestão Pública e Cidadania (GPC), iniciativa do Centro de Estudos em Administração Pública e Governo (CEAPG) com a Fundação Ford.

No ano seguinte, já como aluno do Mestrado em Administração Pública e Governo e pesquisador do CEAPG, acompanhava os preparativos para a segunda turma do Conexão Local, quando recebi o convite para ser um dos supervisores, que na época, chamava-se “tutor”. Embora tenha achado um desafio grande para um recém-formado e que meses antes sonhava em ser um dos alunos escolhidos, aceitei e levei dois estudantes do curso de Administração de Empresas para conhecer a experiência Prove – Programa de Verticalização da Agroindústria Familiar, no estado do Mato Grosso do Sul. Visitar esta experiência, que tinha sido premiada pelo GPC em 1997, depois de quase dez anos da sua premiação e ainda poder acompanhar as descobertas que Daniel Cypas e Marcelo Yazaki tinham com a primeira pesquisa de campo deles foi inesquecível.

Em 2007, o Conexão Local mudou um pouco e a sugestão de experiências que seriam visitadas passou a ser tarefa dos tutores, com a aprovação da coordenação do projeto. Como o meu mestrado estava relacionado com o tema da cultura, sugeri conhecermos o Programa Recife Multicultural, e tentar analisar como um programa como este poderia ajudar a reduzir a criminalidade em uma das cidades mais violentas do Brasil naquele momento. Acompanhado das alunas Telma Hoyler e Yara Hwang, esta passagem por Recife foi muito marcante porque permitiu conhecer as políticas municipais não com o viés de pesquisador, mas sim, de supervisor. E isto foi uma diferença enorme, porque enquanto pesquisador você é o responsável por fazer as perguntas; enquanto supervisor, você precisa esperar que os(as)

---

alunos(as) façam as perguntas e, caso isso não ocorra, o ato de intervir na entrevista deve ser muito bem pensado para não intimidar os jovens pesquisadores. Embora esta diferença já tivesse aparecido na experiência do Prove, a proximidade com o tema do mestrado, e o fato de ser na mesma localidade que eu vinha pesquisando nos anos anteriores, tornava a lacuna das perguntas “necessárias” uma situação angustiante. Acho que consegui lidar razoavelmente com isso, tentando mostrar no final do dia para as alunas, quais as indagações que, na minha opinião, faltaram nas conversas. Mas sem dúvida, esta experiência de 2007 foi muito importante, porque esta diferença entre ser pesquisador e supervisor esteve presente na preparação de outros supervisores nos anos seguintes. Também foi muito importante, porque entre conversas, visitas, debates e cervejas no final do dia, surgiu uma grande amizade com a Telma, que permanece até hoje. Essa parceria com a Telminha, fruto do Conexão Local, permaneceu em vários outros projetos de pesquisa e me deixa muito feliz, porque é na minha opinião, uma das maiores pesquisadoras de campo com quem tive o prazer de trabalhar.

Depois da experiência do Recife, e no final do segundo semestre de 2007, houve uma grande mudança na coordenação do Conexão Local, promovida pelo então Coordenador do PIP, Mário Aquino Alves. Ele chamou o Ricardo para coordenar o projeto, que por sua vez, me chamou para ajudá-lo em algumas atividades. Nós já tínhamos trabalhado juntos em alguns projetos – além do PIBIC –, e eu fiquei muito honrado com o convite. Aliás, a generosidade do Ricardo (e do Mário também) comigo sempre extrapolaram minha capacidade de compreensão.

No início de 2008, reformulamos alguns aspectos do programa e, além das tarefas operacionais e de preparação dos alunos para a imersão no campo, fomos surpreendidos por uma notícia: faltando poucos dias para o início da viagem, um dos alunos que iria comigo conhecer a Casa Rosa Mulher (Rio Branco/AC) não poderia viajar mais. Na hora, começamos a pensar em alternativas que envolviam a alocação da outra estudante em outra experiência e dupla, ou a Malila Ohki viajar sem outra companheira de graduação. A decisão precisava ser tomada rapidamente e lembro de uma conversa no corredor em que estávamos eu, Ricardo e Mário discutindo o que fazer, quando surgiu a ideia de tentarmos encontrar um estudante da Universidade Federal do Acre que topasse participar do projeto.

Confesso que na hora achei a ideia genial, mas bem pouco exequível. Afinal, teríamos que encontrar um interlocutor na UFAC; este interlocutor precisaria aceitar participar e ainda teria que selecionar um estudante em pouquíssimos dias; o (a) estudante selecionado precisaria aceitar as nossas condições e as características do projeto; e, ainda, teríamos que lidar com todos os procedimentos administrativos para permitir a formação dessa dupla. O fato da Veronika Paulics, pesquisadora e parceira histórica do CEAPG, e também esposa do Ricardo, ter morado no Acre nos anos 90 parecia uma luz no fim do túnel para mim, mas ainda assim, tudo parecia muito distante de concretizar.

Mas numa velocidade impressionante, Veronika contatou sua amiga Ronizia, que vivia em Rio Branco, que sugeriu o contato com o professor Enock Pessoa do curso de Ciências Sociais da UFAC. Por meio de ligações telefônicas, Ricardo conseguiu falar com Enock e ele, mesmo sem

---

---

nos conhecer pessoalmente, aceitou participar do projeto, e estabeleceu um processo seletivo para os estudantes, que teve como candidata aprovada, a Priscilla Costa Silva. Tudo isso em pouquíssimos dias.

Mas nem tudo estava resolvido. Ricardo e eu tínhamos nos dedicado com muita atenção à formação das duplas. Aliás, esta foi uma das mudanças mais importantes que fizemos juntos, uma vez que os perfis dos alunos, do supervisor, as características da experiência e também da localidade formavam um difícil “quebra-cabeça” que se realizado com pressa ou com pouca atenção, poderia comprometer todo o projeto de pesquisa. Mas naquele momento, havia uma grande complexidade, uma vez que não fazíamos a menor ideia de quem era a Priscila, o que ela gostava, se “sobreviveria” ao campo e, principalmente, se ela teria a predisposição de aprender com os atores locais.

A experiência acabou sendo um sucesso e tanto Malila como Priscilla puderam aprender muito sobre violência contra a mulher e também sobre o processo de implementação de uma política pública local de atendimento à grupos vulneráveis com a Filomena Emilia Ramos. Filó e sua equipe foram fantásticas e cuidaram das “meninas” muito bem, mesmo tratando de um tema tão difícil e complexo como este. No período de campo e, também na elaboração do relatório, o fato das alunas serem de localidades diferentes e estarem conectadas à realidade local de forma heterogênea (afinal, Priscilla vivia em Rio Branco, assim como sua rede de familiares e amigos), trouxe alguns obstáculos. Mas o relatório final ficou muito satisfatório e quando conseguimos que Priscilla viesse apresentá-lo no Dia da Pesquisa, nossas reflexões sobre esta experiência improvisada de parceria entre a FGV-EAESP e a UFAC tornaram-se mais profundas.

Em janeiro de 2009, Ricardo assume a Coordenação do PIP e novamente me convida para mantermos a parceria de trabalho. Pouco tempo depois, ficamos sabendo que a CAPES estava desde o ano anterior, com o Edital Pró-Administração (09/2008) aberto e pensamos que a experiência do ano anterior poderia ser aproveitada de maneira mais institucionalizada e envolvendo outros parceiros. Além da UFAC, a relação histórica com professores e pesquisadores da Fundação João Pinheiro também a colocava como potencial parceiro. E como uma ex-aluna do Mestrado em Administração Pública e Governo da FGV-EAESP, Roberta Sousa, acabara de passar no concurso para professora da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA-CE), a parceria com este universidade cearense também parecia promissora.

Após algumas semana de aproximação, apresentações e negociações, conseguimos escrever um projeto, criando o Conexão Local – Modalidade Interuniversitária, que ficou conhecido como CLIU. E mesmo sem sair o resultado oficial, o professor Peter Spink, diretor do GVPesquisa na época, autorizou que os recursos da FGV-EAESP fossem utilizados para custear a experiência piloto de unir estudantes de graduação de duas universidades parceiras, com supervisores das mesmas universidades, formando quartetos que iriam conhecer e pesquisar iniciativas inovadoras de ação pública.

Foi assim que poucos meses depois, em julho de 2009, fui conhecer o RECA – Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado, na Ponta do Abunã (Rondônia). Acompanhado da aluna da

---

---

GV, Naila López Cabaleiro Suárez, encontramos Francisco Raniere Moreira da Silva (aluno de administração da UVA) e Ana Iris Tomás Teixeira (professor da UVA). O RECA havia sido estudado pelo CEAPG anos antes e sua inclusão no CLIU foi avalizada pelo Enock Pessoa, formalmente coordenador do CLIU na UFAC .

A experiência foi fantástica, porque além do RECA ser uma iniciativa extremamente interessante, o “quarteto” estava super entrosado e posso dizer, sem medo algum de errar, que a Ana Iris foi a melhor parceira de supervisão que tive. Aprendemos muito um com o outro e hoje, ela é uma amiga muito especial. Aliás, foi durante a pesquisa do RECA que o Ricardo ligou para dizer que tínhamos sido aprovados no Pró-Administração. A partir daquele momento, nossa parceria estava definitivamente institucionalizada e assim, poderíamos continuar aprendendo com experiências inovadoras e com pesquisadores das universidades parceiras!

Em 2010, não participei diretamente do CLIU, mas por meio da modalidade tradicional do Conexão Local, tive a oportunidade de visitar a experiência do Poloprobio, no Acre e sul do Amazonas. Esta experiência de complementação de renda na floresta, por meio da tecnologia social dos encauchados de vegetais da Amazônia foi indicada pela equipe da UFAC e portanto, não deixa de configurar mais um produto desta parceria gerada pelo Pró-Adm. Além disso, os dois alunos da FGV-EAESP, João Jens Reye Sabino e Paulo da Rocha Zani tiveram muito contato com alguns professores da UFAC que foram fundamentais para a realização da pesquisa, principalmente com os Apurinãs da Tribo Camicuã de Boca do Acre (AM).

No final de 2010, uma mudança na direção do GVpesquisa fez com que Ricardo saísse da coordenação do PIP e, conseqüentemente, do Conexão Local. Eu o acompanhei nessa decisão por estar certo de que não havia pessoa mais qualificada – e que realmente acreditasse na proposta de diálogo de saberes entre alunos da graduação – do que ele. No entanto, como no projeto enviado para a Capes não constava o nome do novo coordenador, o CLIU passou a ficar sob responsabilidade do CEAPG.

Em 2012, após uma rápida passagem do amigo Marcus Vinicius Peinado Gomes pela coordenação, o CLIU passou a ser coordenado pela Maria Cecília Gomes Pereira e Melina Rombach que me convidaram, e eu aceitei ser supervisor novamente. Assim, em julho deste ano, estive com José Leonardo Martins Assumpção (aluno da UFAC) e Ricardo da Rocha Rodrigues (aluno da FGV-EAESP), pesquisando o Instituto de Ecologia Social Carnaúba em Sobral (CE), tendo como colega de supervisão, Magdaline Benitez Romero (estudante de mestrado da UFAC). Mais uma iniciativa muito interessante, cheia de desafios e que encerrou de forma muito gratificante essas minhas experiências como supervisor do Conexão Local e CLIU.

Desde o início de 2013, não posso mais ser supervisor, uma vez que me tornei professor da GV, e de acordo com as regras estabelecidas há anos, ainda na gestão do Ricardo, professores não são supervisores. Mas independente da regra, não gostaria mais de exercer esta função porque estou certo de que outros estudantes da FGV-EAESP merecem tem esta riquíssima experiência

---

---

de supervisionar a pesquisa e a vivência dos alunos de graduação, além de conviver com estudantes de pós-graduação e professores (no caso da UVA) das universidades parceiras. Mas serei sempre um apoiador do projeto e de todos que estiverem na coordenação dele, torcendo para que continue existindo por muitos anos ainda.

Antes de encerrar, preciso agradecer algumas pessoas. Em primeiro lugar, ao Peter, Ricardo e Mário e todos os pesquisadores do CEAPG que idealizaram o Projeto Conexão Local, há mais de 10 anos. Vocês foram incríveis! À estes três, especialmente ao Ricardo, preciso agradecer por toda a confiança no meu trabalho, e por ter permitido estabelecermos uma grande parceria e amizade, em que aprendi (e continuo aprendendo) demais. Quero também agradecer aos coordenadores das três universidades parceiras, Ana Iris, Bruno e Enock, que sempre confiaram no nosso trabalho e acreditaram no CLIU. Obviamente, preciso agradecer ao Marcus Vinicius, Cecília e Melina por terem operacionalizado o CLIU de forma muito carinhosa e entusiasmada, num momento em que eu e Ricardo estávamos em Barcelona. Assim, também devo dizer “muito obrigado” pra Tatiana Sandim que assumiu a coordenação em 2014 e usou toda a sua experiência de ex-supervisora, ex-informante-chave e pesquisadora para realizar o ano de 2014. E cujo trabalho culmina neste livro organizado junto com a Veronika Paulics, amiga muito especial, grande incentivadora do CLIU em todos os anos, e pesquisadora que serviu (e serve) de inspiração para todos nós. Também não posso deixar de agradecer à Isolete Rogeski, Daniela Mansour e Fabiana Moura por todo o apoio nas compras de passagens, reservas de hotéis, pagamentos de diárias, e também cobrança de relatórios desde o início da nossa trajetória. O agradecimento à CAPES e à FGV-EAESP, por meio do Gvpesquisa, deve-se ao fato de que sem os recursos aprovados, jamais poderíamos ter sonhado com um projeto deste tamanho. E, por último, agradeço demais aos parceiros das experiências que sempre estiveram dispostos a nos receber e compreenderam a importância deste programa para a formação de estudantes de administração pública, administração de empresas, e ciências sociais mais comprometidos com a transformação do Brasil em um país mais justo. Muito obrigado a todas e todos!

---